

## As contribuições de Yi-Fu Tuan para os estudos do espaço literário: conexões entre a ciência e a arte

Gabriel Vidinha Corrêa  
Gabriela Belo da Silva  
Roberto Henrique Seidel

**Resumo:** Os estudos sobre as relações afetivas que os homens estabelecem com lugar é o tema principal que transita entre as obras do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. É no cerne da Geografia Humanista Cultural, de abordagem fenomenológica, que Tuan desenvolve conceitos importantes tornando possível o diálogo profícuo com a experiência do texto literário, quais sejam, espaço, lugar, topofilia, experiência, espaciosidade, apinhamento, no empreendimento daquilo que o geógrafo Eric Dardel chama atenção sobre realidade geográfica trazer à tona a ideia da Terra como um texto a decifrar e os signos que compõem esse texto se deixam compreender a partir da experiência visceral com os lugares que habitamos. Nesse sentido, nosso objetivo é discutir o elo entre os estudos de Tuan e as suas ressonâncias nos estudos do espaço literário como uma nova abordagem de leitura nos parâmetros da pesquisa interdisciplinar entre a ciência e a arte. Para tanto, recorreremos, principalmente, aos estudos do próprio Yi-Fu Tuan (2012, 2013), Eric Dardel (2015) e Gaston Bachelard (2008).

**Palavras-chave:** Yi-Fu Tuan. Espaço-Lugar. China-Brasil. Geografia-Literatura.

### Yi-Fu Tuan's contributions to literary space studies: connections between science and art

**Abstract:** Studies on the affective relationships that men establish with place is the main theme that runs through the works of Chinese-American geographer Yi-Fu Tuan. It is at the heart of Cultural Humanist Geography, with a phenomenological approach, that Tuan develops important concepts, making possible a fruitful dialogue with the experience of the literary text, namely, space, place, topophilia, experience, spaciousness, crowding, in the undertaking of what the geographer Eric Dardel draws attention to geographic reality, bringing to light the idea of the Earth as a text to be deciphered and the signs that make up this text can be understood based on the visceral experience of the places we inhabit. In this sense, our objective is to discuss the link between Tuan's studies and their resonances in studies of literary space as a new reading approach wi-

thin the parameters of interdisciplinary research between science and art. To do so, we mainly resorted to studies by Yi-Fu Tuan (2012, 2013), Eric Dardel (2015) and Gaston Bachelard (2008).

**Keywords:** Yi-Fu Tuan, Space-Place, China-Brazil. Geography-Literature.

## 1. Considerações iniciais

Só eu os conheço a todos porque só eu estou sempre neles como eles estão em mim. Eles me criaram e agora eu os crio. Quero-os como são porque quando eles deixarem de ser, tampouco eu serei. Não os posso fazer como eu os quisera, sempre formosos, felizes, generosos e livres, mas como mão os crio, tais quais me vieram, acolho-os. Sou seu chão. Pela linguagem de seus pés, vou desenleando suas histórias uma a uma. Meus ouvidos de terra, pedra e cal ouvem, e aprendo. Creio ter compreendido que nisto consiste o serem humanos, em poderem ser narrados, cada um deles, como uma história.

(*Vasto Mundo* Maria Valéria Rezende)

As palavras narradas pelo Chão na obra de Maria Valéria Rezende, na epígrafe inicial, talvez consigam traduzir a complexidade do fenômeno do lugar em que é circunscrita a perspectiva do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan, que dedicou boa parte da sua vida ao estudo de uma geografia humanista, de base fenomenológica capaz de revelar as delicadas nuances que residem entre os seres humanos e os lugares mais íntimos de suas existências. Uma relação dialética se forma a partir do ponto de vista das manifestações com o espaço, pelas *linguagens dos pés*, pelos valores que postulamos, pelo sentimento de lar. Somos porque necessitamos de um lugar para habitar.

Nascido na cidade de Tianjin, na região costeira no norte da China, com nacionalidade também americana, Tuan se dedica com habilidade e experiência às relações espaciais dos lugares onde viveu. O protagonismo que a China tem em sua obra é incontestado, sobretudo quando trata dos aspectos da cultura, da literatura, da religião e da compreensão do mundo sob a lente oriental, o que torna sua geografia uma epistemologia interdisciplinar e que rompe com as perspectivas positivistas de uma geografia mais conservadora.

Para Eduardo Marandola Jr., Tuan “maneira com maestria os exemplos que colhe da bibliografia psicológica, etnográfica, dos mitos e das literaturas inglesa e chinesa, lidando com eles de maneira essencial para revelar sentidos espaciais básicos da relação do homem com o meio em contextos, tempos e espaços completamente distintos” (Marandola Jr., 2012, p. 9), que torna a obra do autor um oceano de possibilidades cujas águas são capazes de seduzir os olhos mais críticos de pesquisadores que se dedicam aos fenômenos humanistas da linguagem e das ciências humanas.

Foi nos anos 60 e 70, do século passado, que Tuan inaugurou uma nova perspectiva da sua geografia com a publicação daquele que viraria um clássico, sua *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente (doravante apenas *Topofilia*), publicado em 1974. Outras obras igualmente importantes para essa nova abordagem são *Espaço e Lugar*: a perspectiva da experiência, publicada em 1977 e *Paisagens do medo* em 1979. Somada à experiência teórica com a publicação de livros e artigos, Tuan também lecionou nas Universidades de Indiana, Novo México, Toronto, Minnesota e tornou-se Professor Emérito da Universidade de Wisconsin-Madison. No Brasil seus livros são traduzidos pela também geógrafa e entusiasta da perspectiva humanista Livia de Oliveira, e servem como base teórica fundamental em diversos grupos de pesquisa que empreendem-se em experiências interdisciplinares para uma visão mais holística de fenômenos que envolvem sujeitos, a arte e a percepção do espaço, como é o exemplo do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura (Geplit, UFMA/CNPq), coordenado pela Profa. Dra. Márcia Manir Miguel Feitosa, da Universidade Federal do Maranhão, que elege os pressupostos da Geografia Humanista Cultural na sua relação interdisciplinar com o escopo dos estudos do espaço literário para uma discussão mais ampla do que se torna uma literatura comparada à luz das demandas do mundo contemporâneo.

Percebemos na obra do geógrafo uma intimidade com a filosofia, isso porque ele mergulha na fenomenologia de Gaston Bachelard e de Martin Heidegger para refletir sobre uma topografia do ser-estar-no-mundo. Talvez por isso também Tuan demonstra sensibilidade à experiência do texto literá-

rio. Não é raro encontrarmos dentre suas obras exemplos da literatura chinesa como a poesia de Tao. Ou mesmo outros nomes da literatura como Edgar Allan Poe, Tolstói, Dostoiévski, Shakespeare, T. S. Eliot, George Orwell, Albert Camus e Virgínia Woolf. Em sua *Topofilia* (2012), ele explica a devoção pelas artes a partir dos aspectos da cultura chinesa sobre a paisagem e as interconexões entre o xamanismo e o budismo:

O terno chinês para o gênero artístico “paisagem” é *shan shui* (montanha e água). Os dois grandes eixos da pintura paisagística, vertical e horizontal, são abstraídos da justaposição de montes íngremes e de planícies aluviais que são características da topografia chinesa. [...] As montanhas têm uma individualidade que falta aos rios e às terras planas. O chinês fala das Cinco Montanhas Sagradas, mas (ao contrário da Índia) os grandes rios não adquiriram a mesma aura de santidade. O realismo dos pintores paisagísticos chineses repousa primariamente na fé devotada às montanhas, particularmente a de An-hui, Lu Shan, ao norte de Hu-nan no médio Yangtze, as montanhas de Chê-chiang, e muitos lugares em todo o sul da China.

O paisagismo de jardim é uma arte intimamente ligada à pintura e à poesia. Em todas as três formas de arte, podem ser descobertas as influências do xamanismo, taoísmo e budismo (Tuan, 2012, p. 181).

Essas relações também sinalizam a virada cultural que permeia a ciência geográfica, semelhante ao que ocorreu com disciplinas como literatura, linguística, história e antropologia, as quais, em seus núcleos epistemológicos na modernidade, consideram o sujeito em sua diversidade de formação e conhecimento. Se através da linguagem podemos enunciar o mundo em várias dimensões, quais seja, a língua, a cultura, a arte, a política, no seio da geografia humanista percebemos essa guinada quando do panorama que é estabelecido entre a linguagem e a constituição do signo, pois “A Terra é um texto a decifrar” e, por conseguinte, “O desenho das costas, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto. O conhecimento geográfico tem por objetivo esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino” (Dardel, 2015, p. 2).

Essas proposições que Eric Dardel (2015) aborda ganham destaque em Tuan quando da análise da realidade geográfica em relação às experiências literárias. Segundo Letícia Pádua em sua tese de doutorado intitulada *A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências* (2013), “O autor considera que dificilmente a geografia dá conta de questões da microescala da experiência humana, para isso, devemos nos valer da literatura, que fácil e ricamente explora esta escala. Dificilmente a pura descrição de lugares ou mesmo o inventário das coisas que o compõe é suficiente para que possamos sentir a qualidade de lugar” (Pádua, 2013, p. 106). Isso torna-se possível em função da literatura ultrapassar os limites pragmáticos de uma ciência objetiva e possibilitar o intercâmbio de experiências em diversos contextos que envolvem a cultura, a identidade e outras práticas sociais. E nas palavras de Tuan (2013, p. 200) a arte literária dá “visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar”.

Uma nova paisagem se forma no diálogo entre a geografia e a literatura, demonstrando a cumplicidade entre a ciência e arte em produzir saberes fora do escopo conservador da ciência e de uma teoria elitista. É característica desse tempo, portanto, os agenciamentos teóricos e empíricos que se formam da cisão para *os pós* (pós-estruturalismo, pós-colonialismo, pós-crítica) e que colocam “a cultura na esfera do além” (Bhabha, 2015, p. 19).

## 2. O espírito topofílico em Yi-Fu Tuan: pausa e movimento

Refletir sobre a topofilia em Yi-Fu Tuan implica em, antes de tudo, fazermos uma incursão sobre os caminhos epistêmicos, sobre os espaços e lugares, os quais se entrelaçam e que possibilitaram a emergência deste conceito, pois trata-se de uma abordagem que busca compreender de forma profunda a interconexão, cuja relação intrínseca e dialética entre as pessoas e os lugares, possibilita não apenas explorar a visão geográfica, mas sobretudo, os *insights* psicológicos e culturais que fundam a experiência emocional e sensorial dos indivíduos com os ambientes que habitam ou visitam (Tuan, 2012). Dessa forma,

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser estética: em seguida pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, a água, a terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e um meio de se ganhar a vida (Tuan, 2012, p. 136, grifo do autor).

Para conceber o conceito de topofilia, Tuan (2013) mergulha na teoria desenvolvida por Gaston Bachelard na sua *Poética do espaço* (2008), cujo cerne desenvolve as noções de topoanálise e topofilia como meio de conhecimento dos espaços amados. Para o autor, somente por meio da compreensão da constituição de uma topografia do ser íntimo, tendo como parâmetro as memórias e experiências vividas em lugares significativos, especialmente aos associados à infância, é que seria possível explorar a interação entre a psique humana e o ambiente físico. É buscando desvendar as camadas ocultas da consciência e do devaneio, assim como os processos de subjetivação que ocorrem por meio das relações com o espaço vivido que Bachelard (2008) apresenta uma nova maneira de entender a arquitetura e a geografia emocional dos espaços vivenciados. Desta maneira, a topoanálise chega a ser uma linguagem emergente na poética do espaço, para ele “os espaços amados nem sempre querem ficar fechados! Eles se desdobram. Parece que se transportam facilmente para outros lugares, para outros tempos, para planos diferentes de sonhos e lembranças” (Bachelard, 2008, p. 68). A expressão do lugar alinha-se à expressão do lar, que, ainda segundo Bachelard (2008, p. 26): “na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma”. A partir disso, Tuan amplia a noção de topofilia para a experiência da realidade geográfica.

Nessa perspectiva, a topofilia não é, talvez, a emoção mais forte que pode ser identificada na “alma humana”, mas o lugar ou o meio ambiente são sem dúvida, o veículo que possibilita acontecimentos fortes, os quais são percebidos e assimilados como símbolos. Destarte, a “Topofilia é o elo afetivo entre as pessoas e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal” (Tuan, 2012, p. 19). Nesse sentido, o espírito topofílico, sob a ótica da geografia humanista, possibilita a construção de uma percepção mais profunda sobre como os espaços e lugares funcionam como forças centrípetas e centrífugas, capazes de influenciar comportamentos, crenças e até mesmo a identidade dos indivíduos, com base em suas experiências. (Tuan, 2013). Dessa forma, o lugar é caracterizado e analisado não apenas como uma localização espacial, mas como entidade dotado de significados simbólicos e culturais, cuja psicologia ambiental possibilitaria, aliada aos estudos culturais, compreender e analisar como os ambientes influenciam no comportamento humano e em seu estado psicológico:

Um símbolo é uma parte que tem o poder de sugerir um todo: por exemplo, a cruz pela cristandade, a coroa para a monarquia, e o círculo para a harmonia e perfeição. Um objeto também é interpretado como um símbolo quando projeta significados não muito claros, quando traz à mente uma sucessão de fenômenos que estão relacionados entre si, analógica ou metaforicamente. O costume de estruturar o mundo em substâncias, cores, direções, animais e traços humanos, estimula uma visão simbólica do mundo (Tuan, 2013, p. 43).

A partir de uma perspectiva cosmológica, em um mundo tão ricamente simbólico, eventos e objetos assumem significados capazes de estimular uma visão direcional mediada pela linguagem. Nessa conjuntura, “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (Tuan, 2013, p. 11). Tempo e espaço são componentes certos do mundo, todavia, quando o enfoque recai sobre o espaço na experiência, importa saber como as pessoas atribuem significados e organizam o tempo e o lugar a partir de uma perspectiva cultural e, por conseguinte, a categoria do tempo reconfigura-se na manifestação com o espaço, pois “Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (Tuan, 2013, p. 96).

Dessarte, a cultura em sua infinita diversidade enfoca três questões gerais que incluem as aptidões humanas, dentre elas os fatos biológicos, a amplitude das experiências e do conhecimento e as relações do espaço e lugar. Sobre o último, Tuan (2013, p. 14) nos esclarece que sobre “as relações de espaço e lugar. Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. ‘Espaço’ é mais abstrato do que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida em que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Na mesma direção, se o espaço é sempre concebido como algo maleável, que permite o movimento, “então, lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar”.

Nesse ínterim, a topofilia, culturalmente, constitui-se como um campo fértil para que seja possível entender como tradições, práticas culturais e narrativas históricas desempenham papéis significativos, a partir de construções simbólicas características dos lugares. Essas nuances culturais atravessadas pela memória e pela história coletiva e individual são de suma relevância para a apreensão de como as sociedades diferem em suas emoções e valores atribuídos, quando analisados a partir de lugares específicos. A visão dialética entrecortada pelo lugar como algo não estático, mas como um elemento em constante transformação mediado pela interação humana influencia o modo como pensamentos e comportamentos dos indivíduos sociais são afetados por esse processo ao mesmo tempo em que eles imprimem seus valores, memórias e significados culturais específicos ao lugar, pois:

O espaço, é uma necessidade biológica de todos os animais, é também para os seres humanos uma necessidade psicológica, um requisito social e mesmo um atributo espiritual. Espaço e espaciosidade têm diferentes significados nas várias culturas. Consideremos a tradição hebraica que vem tendo fortes influências nos valores ocidentais [...]. Psicologicamente, espaço na tradição hebraica significa escapar do perigo, livrar-se das restrições. A vitória é escapar “para um espaço amplo”. Tirou-me e colocou-me em um espaço amplo; livrou-me porque me tem amor”. (Tuan, 2013, p. 77-78).

Nessa conjuntura, do ponto de vista psicológico, o conceito de topofilia desenvolvido por Tuan discorre sobre como os lugares podem possibilitar a emergência de sentimentos de pertencimento, tranquilidade, agitação, alienação e/ou medo, desencadeando no indivíduo respostas emocionais variadas. O autor destaca ainda que esses sentimentos podem gerar sensações de espaciosidade ou apinhamento.

Segundo Tuan (2012, p. 69), o espaço, “enquanto unidade geométrica (área ou volume), é uma quantidade mensurável e precisa”. Nessa conjuntura, a “espaciosidade está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço, significa ter poder e espaço suficiente em que atuar. Estar livre tem diversos níveis de significados”, e de todas, o fundamental é transcender a condição atual e a forma mais eficaz, segundo o autor é por meio do movimento. Somente no movimento é que o espaço, seus atributos e a experiência de fato acontecem.

Se por um lado, o espaço é símbolo de liberdade e esta por sua vez é um convite à ação, em seu lado negativo, tanto o espaço quanto a liberdade podem configurar-se como uma ameaça. O espaço aberto não tem direção ou sinalização, já o espaço fechado e humanizado configura-se como lugar. “Os seres humanos precisam de espaço e lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade” (Tuan, 2012, p. 72). Assim, o meio ambiente físico pode impactar no modo como o sentido de tamanho e espaciosidade é assimilado e sentido.

O apinhamento, assim como a espaciosidade é uma condição conhecida de todos, pois em um momento ou outro o indivíduo pode passar por situações que o levem a sensação de bem-estar e liberdade ou a de enclausuramento. “Uma sensação de apinhamento pode acontecer sob condições altamente variadas e em diferentes escalas” (Tuan, 2012, p. 79). O apinhamento é sentir-se observado, é não ter espaço suficiente em que atuar. Nessa perspectiva, espaços, lugares, situações e atividades conflitantes podem gerar uma sensação de apinhamento.

O mundo nos parece espaçoso e amistoso quando concilia os nossos desejos, limitado quando eles são frustrados. A frustração difere em intensidade. Para os ricos pode ser simplesmente ficar engarrafado no trânsito ou ter que esperar por uma mesa em um restaurante favorito. Para o pobre da cidade, frustração significa muitas vezes avançar lentamente nas longas e vagarosas filas de emprego ou das agências da previdência social (Tuan, 2012, p. 79).

Essa sensação de apinhamento, de não lugar, de entre-lugar que reverbera, por vezes, em situações que podem gerar angústia ou sensação de enclausuramento.

É digno de destaque que ao propor o conceito de topofilia, Tuan elabora as reflexões necessárias para que outros pesquisadores também desenvolvessem o conceito de topofobia. Se por um lado a topofilia refere-se a forte ligação afetiva com determinados lugares, por outro a topofobia discorre sobre os sentimentos de aversão, medo e desconforto relacionados a determinados lugares. Nessa conformação, o conceito de topofobia como contraparte da topofilia, possibilita uma análise mais assertiva e abrangente sobre as experiências emocionais ligadas ao espaço, contribuindo para um entendimento mais holístico das relações entre culturas e ambientes.

### **3. Aproximações entre a Geografia Humanista Cultural e a Literatura: experiências vividas**

“A verdade está sempre no entrelugar”, aponta Antoine Compagnon em seu *O demônio da teoria: literatura e senso comum* (2010, p. 27) quando dos deslimites que necessitam desfazer falsas janelas e contradições traiçoeiras que insistem em se fazerem presentes nos estudos literários na sua ala mais conservadora. Pensar o entrelugar nesse contexto significa refletir sobre epistemologias que se fazem nas fronteiras do saber (Bhabha, 2015). Reside nesse olhar os elementos necessários para ampliarmos as discussões críticas sobre as relações entre a ciência e arte, isso porque a linguagem literária e a linguagem geográfica têm em comum a experiência de ser e estar no mundo, pois como

sugere Tuan (2013) “O homem com resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais” (Tuan, 2013, p. 49). Percebemos as ressonâncias dessas colocações quando nos aproximamos à realidade literária, segundo Livia de Oliveira e Eduardo Marandola Júnior:

À primeira vista parecem conceitos inconciliáveis: Geografia e Literatura. Porém quando se aprofunda em leituras em vários idiomas e perspectivas literárias, se constata que estes temas se apresentam muitas vezes imbricados. As relações que se estabelecem entre a Geografia e a Literatura sempre foram necessárias para que as atitudes e o mundo assumissem verossimilhança (Oliveira; Marandola Júnior, 2013, p. 124).

Se as experiências de espaço e lugar são fundamentais para o estabelecimento da identidade e da cultura, por meio da literatura percebemos um desdobramento, isso porque “Ao propiciar visibilidade às experiências íntimas, onde se incluem as experiências de lugar, a Literatura possibilita o conhecimento de um mundo imerso em sentimentos e intenções, percebidos pela ludicidade, pela imaginação e pela criatividade” (Feitosa, 2018, p. 22). Pela linguagem, os meandros de enredos, personagens ou mesmo o eu-lírico na poesia deixam rastros do habitar como melhor forma de significar o mundo, seja pela consciência ativa, seja pelas formas reprimidas do inconsciente. Nas palavras de Eric Dardel:

Presença, presença insistente, quase que inoportuna, sob o jogo alternado das sombras e da luz, a linguagem do geógrafo sem esforço transforma-se na do poeta. Linguagem direta, transparente, que “fala” sem dificuldade à imaginação, bem melhor, sem dúvida, que qualquer discurso “objetivo” do erudito, porque ela transcreve fielmente o “texto” traçado sobre o solo (Dardel, 2015, p. 3).

Novamente uma analogia à experiência do signo é trazido à baila para discussão da realidade geográfica. Um texto traçado sobre o solo que se empreende em uma leitura impregnada de valores, tal como o signo, que depende do sujeito e das relações para significar o mundo em seus marcado-

res sociais tais como a identidade, o território, o gênero, a raça. Além disso, outros fenômenos também inundam as experiências humanas como o exílio, a exilância, os fluxos migratórios, as vivências de grupos marginalizados, as fraturas da classe que reverberam sobre o direito do lugar. Temas caros, pois, para a literatura que muitas vezes escapam pelas bordas da história e que são resgatados como fiapos rasgados de um tecido e costurados pela ficção e pela memória. Sob esse argumento Tuan amplia o objeto da realidade geográfica a partir da sustentação sobre o qual possibilita a literatura, para ele:

A literatura, mais do que os levantamentos das ciências sociais, nos fornecem informação detalhada e minuciosa de como os seres humanos percebem seus mundos. [...] Os escritores criam personalidades fictícias; eles mesmo são personalidades com opiniões que sobressaem acima do discurso livresco de suas sociedades. As pessoas têm atitudes características para com a vida: a afirmação é pedestre e a aceitamos facilmente. Os escritores, no entanto, têm alcançado sucesso em expressar claramente as diferenças sutis na visão do mundo. De seus escritos aprendemos a reconhecer a singularidade das pessoas (Tuan, 2012, p. 78).

Yi-Fu Tuan reconhece que reside na literatura um saber singular que também produz conhecimento, o que é uma novidade também para uma noção de literatura que não empreende-se apenas em representar (como *mimesis*) a experiência humana, ela é, portanto, uma experiência a ser vivida, um agenciamento, ela tem a ver “com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 19), tanto do ponto de vista do leitor, quanto do ponto de vista do tempo da narrativa ou do eu-lírico.

Assim, o olhar fenomenológico sobre o espaço geográfico contribui de forma significativa para a crítica literária, isso porque sob essa ótica o espaço não se reduz a um elemento transitório do texto literário, mas sim uma categoria teórica dotada de um saber constituído que implica diretamente nos modos de vida. Luís Alberto Brandão em *Teorias do Espaço Literário* (2013, p. 25), pontua que “O espaço passa a ser tratado não apenas como categoria identificável em obras, mas como sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica”.

Os fenômenos do espaço, do lugar, a topofilia, a experiência, a espacialidade, o apinhamentos, a cultura, todos elucidados por Tuan, congregam uma série de possibilidades quando da leitura e alocamento às críticas do texto literário que empreendem-se em ressignificar tanto o signo cultural, quanto à experiência literária, configurando-se como um modelo que ultrapassa as barreiras de um conhecimento cartesiano, nesse sentido “A arte literária chama a atenção para áreas de experiência que de outro modo passariam despercebidas” (Tuan, 2013, p. 200).

O espaço geográfico e o espaço literário unem-se para uma nova perspectiva de linguagem que transita facilmente entre as diversas formas de ser no mundo. A ficção e a epistemologia tornam-se uma só como um lugar a ser conhecido e explorado, nessa vereda “Tuan revela a importância da percepção e da experiência para elaboração de teorias que possam compreender como os homens se relacionam e entendem as paisagens que habitam, não apenas a partir de uma visão objetiva” (Moraes, 2012, p. 48). E é nesse contexto que se inscreve a literatura como uma paisagem revestida por uma linguagem que atualiza o signo da Terra na experiência humana.

#### 4. Considerações Finais

Em *Levantado do chão* (2013, p. 9), às duras penas de uma família empobrecida que luta por direitos dignos de existência em meio aos movimentos sociais e grevistas, José Saramago prenuncia que: “O que mais há na terra, é paisagem. Por muito que do resto lhe falte, a paisagem sempre sobrou, abundância que só por milagre infatigável se explica, porquanto a paisagem é sem dúvida anterior ao homem, e apesar disso, de tanto existir, não se acabou ainda”. Nesse sentido, sempre haverá paisagem a ser reivindicada e sempre haverá lugares a serem problematizados.

Ao fim e ao cabo, compreendemos que o diálogo entre a ciência e a arte torna-se possível pelo recorte da Geografia Humanista Cultural em função do caráter interdisciplinar que consolida esse campo do conhecimento e que rompe com uma abordagem positivista de pensar a ciência e enquadrar

a literatura. Nessa paisagem insere-se o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan que ao dedicar-se ao estudo das relações afetivas que os homens estabelecem com o lugar anuncia um novo ramo da ciência geográfica sensível à investigação literária. Sem dúvida as concepções de espaço, lugar, topofilia e demais aspectos do texto geográfico em uma perspectiva filosófica fenomenológica contribui para a abertura e atuação dos estudos literários em sua ala mais progressista de produzir conhecimento a partir do incentivo e postura de uma crítica cultural.

### Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2013.
- BRANDÃO, Luís Alberto. **Teorias do espaço literário**. Belo Horizonte: Perspectiva/FAPEMIG, 2013.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: a natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.
- FEITOSA, Márcia Manir Miguel. **A representação do espaço e do poder em Mário de Carvalho: uma apologia da subversão**. São Luís: Café e Lápis, 2018.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Prefácio. *In*: TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.
- MORAES, Cláudia Letícia Gonçalves. **O lugar da literatura: um estudo sobre espaço e ficcionalidade em três romances de Mia Couto**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012.

OLVEIRA, Livia de; MARANDOLA JR., Eduardo. Caminhos geográficos para a literatura. In: ALVES, Ida; FEITOSA, Márcia Manir Miguel (Orgs.). **Literatura e Paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2013.

PADUA, Letícia Carolina Teixeira. **A geografia de Yi-Fu Tuan: essências e persistências**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SARAMAGO, José. **Levantado do chão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.